REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 771

30 DE MAIO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tivemos o eclipse a tempo e horas, com uma pontualidade astronomica.

A lua nova não trouxe chuva e o espectaculo, que, aliás, não podia ser contra-annunciado nem addiado para outro dia, realisou-se com todo o esplendor, que é proverbial, quando o empresario é o céo.

Os comboios levaram milhares de viajantes até Ovar e Vizeu, onde o phenomeno foi maravilhoso. De muito longe vieram sabios astronomos presenceal-o e colher observações. Todos contam maravilhas do espectaculo.

Não pudemos vel-o em toda a sua magnificencia, porque impossivel nos foi sahir de Lisboa, e temos portanto que esperar com paciencia uns tres seculos e tanto, decorridos os quaes o mesmo phenomeno se ha de realisar impreterivelmente uma outra vez em Portugal.

Como se vê, trata-se apenas de ter paciencia.

Em Lisboa o eclipse não passou d'um pequenino espectaculo curioso, mas modesto, como convem á capital d'um paiz pequeno.

Ainda assim todos falavam durante essa noite e no dia seguinte da luz maravilhosa que o céo vertêra pelo espaço de meia hora sobre a terra, da estrella que muitos viram a brilhar quasi no zenith, das sombras das arvores tão modificadas.

Os animaes parece que não deram grande importancia ao caso. Pelo menos os pardaes continuaram sempre cantando e dois gatos vi eu que em nada modificaram o seu ripanso.

Como a todos pedem informações dou as que pude colher.

Susto só o conheci na minha cosinheira, que se pôz a chorar. E como ouvia outros a rir, disse por entre lagrimas:

— Pois sim, façam troça; mas, quando todos, um dia, formos feitos em torresmos, hão de ver que eu tinha razão.

(Entre parenthesis: Muitos, querendo provar erudição, mostraram-se mais tolos que os assustados. O que se disse... e o que se escreveu!)

E foi a lua tão pacata, tão casta, a pallida lua cantada pelos poetas e que parece que não quebra um prato, que pôz agora em reboliço os sabios de todo o mundo e desinquietou de seus lares alguns milhares de portuguezes!

Verdade é que foi a lua nova e essa, realmente, nunca mereceu aos poetas a consideração de sua irmã mais velha, a fonte do luar, a que arrebata os olhos das mulheres, a que suavisa as paizagens, a que se reflecte no mar e produz o que em portuguez tem o nome mais lindo, a tremulina.

Ha sua differença entre uma e outra. Talvez até por inveja é que a lua nova, de quando em quando, nos tapa o sol, que só tem o beijo dos seus raios para a outra, n'uma tal fidelidade amorosa, que difficilmente iremos encontrar egual fóra d'esse poema, inveja de todos os poetas, que nunca hão de fazer coisa parecida, e que se chama a astronomia.

A' meia noite, pouco mais, chegou o comboio de Ovar.

Bella jornada! Um ou outro contra-tempo insignificante não chega para macular a lembrança d'umas horas excellentemente passadas. Um dia de maio esplendido, uma viagem magnifica atravez os campos que a primavera encheu de magnificencias! E ainda por cima, um espectaculo unico, maravilhoso, que o bom tempo permittiu fosse observado sem a ameaça d'uma so nuvem que viesse empanar-lhe o brilho.

Alguns ouvimos, que descreviam o eclipse a que haviam assistido ainda cheios de commoção pela belleza grandiosa do phenomeno.

Todos haviam lido anteriormente as descripções feitas por varios jornaes e o folheto tão intelligentemente elaborado pelo sr. Frederico Oom, distincto astronomo do observatorio da Tapada. Mas os grandes espectaculos que a natureza nos offerece são sempre superiores a todo o discripto, nenhum póde ser com perfeição fantasiado, por muito poderosa que seja a imaginação.

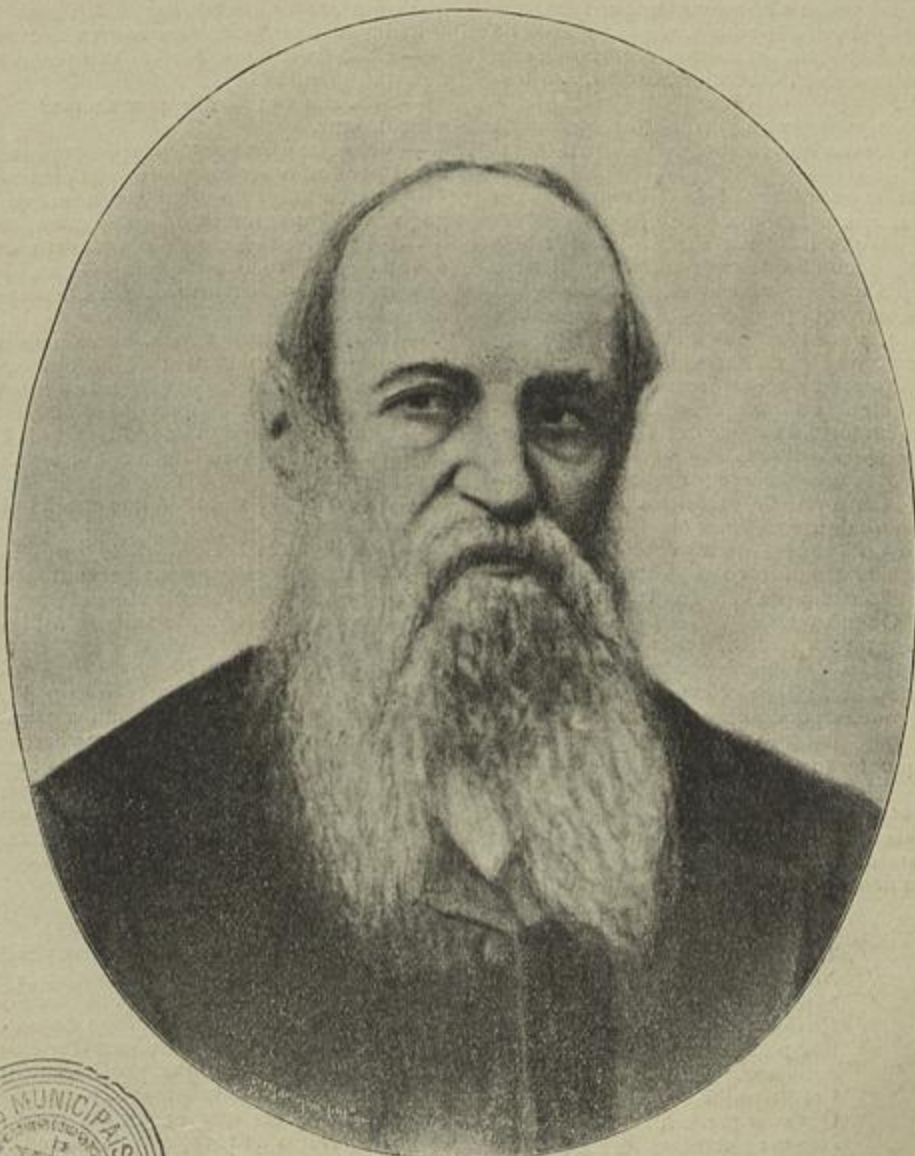
Uma viagem de recreio.

Foi a primeira d'este verão; mas o tempo d'ellas vem chegando.

D'aqui a pouco, são as grandes feiras, as toiradas fóra da terra, os grandes festejos. É o S. João em Evora, são as festas da Rainha Santa em Coimbra, são as toiradas em Badajoz. Os comboios apinhados vão deixar as estações de Lisboa, assobiar por esses campos do Ribatejo e charnecas alemtejanas, levando gente alegre, a que o bom sol do verão põe um grãosinho na aza, depois d'um tão prolongado inverno, que até parecia não querer ter fim.

Estavamos em maio e era chuva e era frio...

Temos o verão finalmente comnosco, agora já não ha duvida.

O verão! O verão outra vez! Como o tempo passa! Parece que ainda hontem falavamos aqui, n'esta chronica, dos dias de calor, das batotas de Cascaes, das praias e de seus divertimentos, e tudo isso cá está outra vez batendo á porta de muitos!

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

E, coisa rara, para aquelles a quem mais devagar passam os dias, mais depressa o tempo corre Parece absurdo e é tão verdade! Horas compridas de dias monotonos, sempre os mesmos, não deixam marco algum por onde depois se avalie a perspectiva do tempo. E os annos feitos de horas sem fim parecem curtos.

Os felizes são aquelles para quem os dias são curtos e os annos são longos. São esses os que vivem mais. Os outros terão uma compensação na ultima hora, com menos saudades.

O inverno já lá vai de vez, apesar dos máos agoiros do successor do saragoçano, que ainda dava chuvas e trovoadas para o fim de maio.

O verão cá está, com seu bello sol e até algum calor demasiado.

Já despontaram nas ruas da Baixa os primeiros chapéos de palha.

Quer isto dizer portanto que temos grande reboliço em tudo quanto diz respeito ao que nas differentes epocas do anno atrahe o publico. Um chapéo de palha é como um toque de corneta.

Das senhoras tambem já algumas apresentaram as modas novas da estação. Bem feias por signal... ou por emquanto.

Os theatros são geralmente os que maiores modificações apresentam n'este decahir do inverno e rejuvenescer dos calores.

Do theatro D. Amelia, terminadas as recitas da companhia Giovannini tomará conta uma empreza dirigida pelo Pedro Cabral, que levará á scena uma magica *A Princeza Encantada*.

Os societarios do theatro de D. Maria continuam no Porto. O theatro ficará fechado até outubro.

Na Rua dos Condes ensaia-se a magica *O Dente do Maçarico*, original de Eduardo Schuwalback, na qual se ha de estreiar em Lisboa, cantando e representando em portuguez, a actriz Maria Gonçalves, a *Portuguezita*, que tão celebre foi em Hespanha como cantora de zarzuela.

A companhia de Affonso Taveira partiu para o Brazil. José Ricardo tomará conta do theatro da Trindade.

No Colyseu continua chamando muita gente a excellente companhia de opera lyrica.

E eis o que ha de mais importante com relação a espectaculos theatraes.

Outro, porém tivemos, que muito chamou a attenção dos lisboetas: o homem que se enforca, que enforcado se mostra a tostão, e que se gaba de poder estar mettido n'um caixão, sem comer, sem beber, sem se mexer, durante nove dias... a tostão sempre.

A primeira experiencia já elle a fez, a segunda promette realisal-a brevemente no theatro D. Amelia.

Ha gente extraordinaria! Já o Tanner jejuava para comer, este agora enforca-se para viver!

E disse eu que ha gente extraordinaria! Mas isto é tudo o que ha de mais ordinario. Metade da população mata-se para viver. Mas não se mata a tostão, ás vezes mata-se por muito menos, e até de graça, e até perdendo dinheiro!

O verão com respeito a novidades pouco mais nos poderá trazer e ver-nos-hemos obrigados a ir buscar fóra alguma noticia de sensação. Não e difficil; nós já importamos tanta coisa ..! E por emquanto as novidades ainda não pagam direitos na alfandega. Mas não tardará; a reportagem é industria que tanto póde pretender a protecção da pauta como qualquer outra.

A guerra do Transvaal e a exposição de Paris promettem não nos deixar tão pobresinhos de recursos que não tenhamos com que encher duas columnas do OCCIDENTE.

Um só contra: a guerra, desde que principiaram as victorias dos inglezes deixou de interessar a população; da exposição não vale apena dar noticia, porque, segundo consta, toda a gente vai para lá.

Então que faremos? De que receita havemos de usar?

Nos bons tempos das *Guerras do Alecrim e Mangerona* havia o recurso do latim, quando o Semicupio se viu atarantado e não atinava com melhor maneira de sahir de embaraços. Imitaremos o latim d'elle.

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,
Sed de alecrinis
Et mangeronis
Recipe quantum
Satis ana.
Credite mihi
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

João da Camara.

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

Com o peso dos seus noventa invernos falleceu em Paddock House, St. Peters, no condado de Kent, a 15 de dezembro de 1890, um dos melhores caracteres que a terra portugueza tem deitado de si, o honesto, o bom, o talentoso, o desinteressado e dedicadissimo Antonio Ribeiro Saraiva.

Apesar de militar sempre no vencido partido absolutista, apesar de guerrear com a palavra e com a penna as idéas constitucionaes, apesar de se achar, nos seus ultimos annos, quasi inteiramente esquecido das gerações novas na terra que o viu nascer, foi a sua morte uma perda nacional.

Aquelle grande isolado, apartado do numero dos vivos, e combatendo pela causa do senhor D. Miguel, aquelle desvalido, aquelle cego, aquelle pobre, era um exemplo para todos nós.

Exemplos assim não são frequentes hoje em dia, quando os interessiculos nos dominam a todos, e quando o pugnar por um principio morto, o viver abraçado a uma crença e a uma cruz, é coisa fossil, obsoleta e ridicula.

*

Teve o auctor d'estas linhas a felicidade de o conhecer. Apenas chegado a Londres, em 1881, dirigiu-se, como a uma peregrinação piedosa, á humilde casa onde o valoroso paladim das idéas antigas morava, n'um arrabalde apartado.

Introduzido logo, achei-me n'um pequenino gabinete, orlado de estantes de livros desde baixo até cima. A uma banda ardia um fogão, e junto d'elle escrevia a uma meza, atraz de um biombo que o resguardava do ar da porta, aquelle grande velho que eu buscava.

Solemne figura! um ancião magro, de estatura um pouco abaixo do mediano, com uma bella barba de prata, e as maneiras dóces e affaveis de um ermitão.

Surprehendido assim no meio do seu trabalho litterario, de que tirava a subsistencia, interrompido na tarefa por um adventicio, seu desconhecido pessoal, sorriu com benevolencia, ao saber que o procurava um homem de Lisboa.

Inclinando-me, perguntei respeitoso:

— E' ao sr. Ribeiro Saraiva que tenho a honra de estar falando?

— Sim, sou eu; não se quer sentar?

Sentei-me.

— Vejo que é um portuguez; é sempre tão agradavel para mim vêr um patricio! O seu nome?

— O meu nome? ora ahi está o que eu não digo; v. ex.ª é que me ha de dizer quem sou.

— Eu? volveu elle, pondo a penna no tinteiro e voltando-se todo para mim. — Mas não creio que nos vissemos nunca... pelo menos não tenho idéa...

— Não, nunca nos vimos, mas somos amigos; temo-nos escripto muito; tenho um culto pelo caracter de v. ex.ª, e, chegado a Londres hontem á noite, a minha primeira visita é esta.

— Sim? dizia o velho com urbanidade carinhosa. Mas dê-me um clarão, um fio, uma referencia; o seu nome?

— Não o digo; v. ex.ª é que me ha de dizer quem eu sou.

— Mas como?

— Pergunte a si proprio; pergunte ao seu coração; pergunte ás suas saudades; pergunte ás memorias do seu querido amigo Castilho, quem eu sou.

— Quê? V. é Fulano?

Levantou-se e apertou-me ao seio D'aquelles olhos amortecidos e cançadissimos cairam lagrimas senis, que lhe resvalaram na barba branca. D'aquella bocca, sairam, como caricias, e no mais vernaculo portuguez, que sessenta annos em Londres não tinham conseguido avariar, as saudações mais hospitaleiras o cordeaes. Momentos assim, não esquecem nunca.

*

Não tenho elementos para contar aqui aos leitores a biographia completa do grande homem. Sei que nasceu em Sernancelhe, comarca de Trancoso, a 10 de junho de 1800, filho do conselheiro José Ribeiro Saraiva, desembargador da Casa da Supplicação; sei que tinha, por herança paterna, o fôro de fidalgo cavalleiro; sei que se formou em direito, e sei que se achava em Inglaterra como secretario da legação do senhor D. Miguel, em 1828.

Quando o governo absolutista deixou de ser reconhecido pelo gabinete britannico, sei que Ribeiro Saraiva, desprezando propostas dos seus amigos, passou a viver obscuro em Londres, tirando a sua magra subsistencia de traducções inglezas que escrevia para algumas chancellarias estrangeiras, e de uma modestissima percentagem de vinhos nacionaes que alguns correligionarios do reino, por commiseração, o encarregavam de ir vendendo aos seus conhecidos.

Nunca este sublime exilado conheceu a riqueza, a mediania, sequer; conheceu, sim, uma existencia apertada, mesquinha, tormentosa.

Como compensação aos dissabores, era de vêr a maneira especial como a alta aristocracia ingleza o apreciava, o convidava, o distinguia, o amava. Como conjuncto, como nação, não ha paiz mais egoista e prepotente do que a velha Albion. Individuos, não os ha melhores do que os inglezes; a familia ingleza respeita as crenças alheias, e acata, seja em quem fôr, a lealdade civica e o cumprimento dos deveres sociaes, religiosos e politicos.

Por isso, Antonio Ribeiro Saraiva, o desvalido portuguez vencido, quasi mendigo, mas fiel á sua bandeira branca, era venerado pelas grandes familias da opulenta Londres.

Mendigo aqui é força de expressão. Elle nunca mendigou, fosse a quem fosse. Sempre de cabeça erguida, teve a virtude de vêr na sua pobreza uma nobreza rara, na sua cossada sobrecasaca uma farda gloriosa, na sua meza austéra um passadío de espartano.

Não é, pois, sem razão que escrevi, poucas linhas acima, que a vida de Saraiva era um exemplo para todos nós, e a sua perda uma perda nacional.

*

Eis ahi o homem moral.

No homem intellectual não havia menos que admirar.

Bastava conversar com elle uma hora para se perceber a força d'aquellas faculdades. Convicção, eloquencia persuasiva, ninguem a tinha como elle.

Creado á antiga, bom sabedor e cultor do seu latim e do seu portuguez, conhecedor do francez do inglez, que falava peregrinamente, e do allemão, sabia de cór os bons auctores; versejava com facilidade; lia com conhecimento de causa.

No emtanto, e por mais que o namorasse a litteratura, a sua tarefa absorvente era a politica. A's polemicas politicas, ora em artigos de jornaes, ora em vigorosos pamphletos de occasião, consagrava toda a pujança do seu talento.

Teve desgostos com os membros do seu proprio partido; porquê? não sei dizer; mas sei vagamente que provinham da sua maneira peculiar de apreciar certos planos partidarios. Quem tinha razão? não posso decidir; o que affirmo é que muitas intelligencias de egual plana, e muitas dedicações de egual calor, não contou por certo a nobre parcialidade miguelista. Pois pode ufanar-se de ter contado intelligencias e dedicações notabilissimas!

*

Já falei muito d'este eminente portuguez no meu livro *Memorias de Castilho;* agora só accrescentarei o seguinte:

Era tal o condão de virtude que se estillava da pessoa e do trato de Antonio Ribeiro Saraiva, que os seus mesmos adversarios politicos mais ferrenhos o respeitavam e amavam do fundo d'alma. Basta um exemplo: Castilho.

Pouco depois das respectivas formaturas, o destino separou para sempre os dois intimos amigos de adolescencia. Nunca mais tornaram a vêr-se, mas nunca deixaram de se corresponder e de se comprehender. Ahi estão os dois volumes *Saraiva e Castilho*, que o attestam.

Tinham passado, como um sonho, os dias felizes e descuidosos de Coimbra; as guerras *do alecrim e mangerona* dos Elmanistas e Filintistas; os passeios ao O da ponte; os brilhantes oiteiros da sala dos capellos; os devaneios ao luar até ao Penedo da Saudade; as viajatas arcadicas, Mondego acima, até á Lapa dos Poetas; as guitarradas em Coselhas; emfim, todo aquelle mundo de nadas deliciosos de que se fórma a chronica da estudantina. Tinha fugido tudo isso; os dois amigos eram dois homens feitos Se, comtudo, os dissociavam as crenças, é bem certo que os corações nunca deixaram de palpitar um pelo outro; amor que sabe honrar a ambos: o miguelista intransigente e o convicto constitucional.

*

No seu conjuncto, é a longa vida de Ribeiro Saraiva uma grande lição.

N'aquelle austero servidor dos principios que

elle reputava os melhores, e os legitimos, havia o sublime do primitivo caracter portuguez,

homem de um só parecer,
um só um rosto, uma só fé,
de antes quebrar que torcer.

Apontal-o, pois, por esse lado, aos filhos degenerados da nossa era decadente, collocal-o no elevado pedestal que elle merece, é dever da Imprensa sizuda.

Entre o ir e vir das revoluções, entre o fazer e desfazer dos corrilhos, entre as defecções dos amigos antigos, entre os materialismos selvagens que nos dominam, entre as tyranias que as nações poderosas perpetram contra os fracos, entre este medonho esfacellar das crenças puras de um Portugal que foi, que espectaculo sublime não é este, de contemplar com os olhos da alma um honesto como Ribeiro Saraiva, martyr das suas convicções, e dando por ellas todo o seu engenho, todo o seu trabalho, toda a sua brilhante carreira na diplomacia, toda a sua possivel gloria litteraria, todos os lucros de uma feliz existencia, todas as amargas nostalgias do exilado!

Sim; por um principio deu tudo, e sem regatear.

Morreu no seu posto, abraçado á sua cruz.

E foi tal o merito moral d'este homem singular, que até nós outros, os que divergimos na interpretação dynastica, nós, adversarios d'elle, temos muito que lhe agradecer: o exemplo da abnegação.

Julio de Castilho.

POESIAS DE ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

O NATAL NA MINHA TERRA

A minha terra é Sernancelhe, na Beira Alta, bispado de Lamego, comarca de Trancoso; villa acastellada, muito nobre e antiga.

1. Irmã gemea da saudade,
Memoria de horas gostosas,
Ou de amor, ou de amizade,
Ou de puericia mimosas,

2. Vem dar-me suave auxilio
No mais favorito empenho,
Que hoje, na terra do exilio,
Pensando na patria, eu tenho.

3. Lembra-me as scenas, fagueira,
De innocência e de alegria,
Que outr'ora, na minha Beira,
Sacro Natal me trazia.

4. Vinha a Festa desejada
Em proprio tempo chegando,
E talvez era accusada,
Porque não vinha voando!...

5. ¡Como se, quando passasse,
Na saudade e na lembrança
Melhor prazer nos deixasse
Que os de risonha esperança!...

6. ¡Quanto agora lhe hei notado
Differença bem sensivel,
Ao evocar um passado
Que é já futuro impossivel!...

7. Assim mesmo, eu te bem-digo,
Adoravel Providencia,
Nos gozos que traz con-sigo
Amena reminiscência!

8. Vou, Senhor, vou transportar-me
Aos annos que se esvahíram;
Venham de novo alegrar-me
Alegrias que fugiram!...

9. Hei-de gozal-as, presentes,
Por graça da phantasia,
Consoladora de ausentes,
Fada amiga da poesia.

10. Resuscitem, refloreçam,
Glórias de idades saudosas...
¡Antes que se desvaneçam
Quão pouco, homem-germe, as gozas!

11. Mal despontante bucinho
Trocado em barba desejas;
Oh! que mal sabes, louquinho,
O que aos adultos invejas!...

12. Com annos virám cuidados,
E talvez árduos deveres,
Que tornarám mui aguados
Do Natal mesmo os prazeres

13. Mas, ah! por hoje deixai-me,
Importunos pensamentos;
Trêgoas ao ânimo dai-me,
Tristes, graves sentimentos.

14. Por cima de annos e mares
Hoje na idéa saltemos;
Ao mimo dos pàtrios lares,
A' tenra idade voltemos.

15. Foi sempre, da mocidade,
Da meninez, da innocencia,
O Natal na christandade,
A Festa por excellencia:

16. Ninguem toma tanta pena,
Se põe tanto em movimento,
Como a Gèração Pequena
No Sagrado Nascimento.

17. Ao pinheiro rezinozo
Lá trepa moço atrevido,
Buscando o fructo invernoso,
Nas nuvens quasi escondido;

18. Vara annelada na ponta
Leva no braço pendente,
Com ella a distancia affronta
Do ramo o mais eminente;

19. A cada golpe que emprega,
No chão baqueia uma pinha,
Em quanto em baixo o collega
Os dous cestos enche asinha.

20. É guardado em condecilha
O fructo assim apanhado,
Para fazer-se a partilha
Quando o Natal fôr chegado;

21. Só algum desde já serve
Do tempo nos mimos vários,
Para os quaes fàbrica ferve
De ramos, palmas, rosarios.

22. Na alegre manufactura
Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
Brita-lhe a noz a donzella.

23. Dêdos mais brancos e lisos
Do que os pinhões debulhados
Vam d'estes, entre sorrisos,
Flores formando e bordados

24. Com sua baga vermelha,
Sempre-verde gilbarbeira,
Pela folha, que semelha
Ferro de lança guerreira,

25. Entra n'estes artificios;
E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
Desdenha artista engenhoso;

26. Ao ramo de esteril planta,
Inda ha pouco toda espinho,
Fada, que os olhos encanta,
Dotou-lhe o fructo do pinho;

27. Que alfim, com arte mesclado
De amendoas, passas, e figos,
Vai ser presente estimado
Entre impùberes amigos,

28. Mas eil-o amanhece o dia
Vinte e quatro de dezembro!...
Com doce melancholia
D'elle saudoso me lembro!...

29. ¿Me lembro?... Não; vejo, sinto,
Gózo, no paterno tecto,
Muito melhor do que o pinto,
Este dia predilecto:

30. Dia, em que o rico, o artesano,
O parocho, o cavalleiro,
O lavrador, o paisano,
Mesmo o simples pegureiro,

31. Cada qual, humilde ou nobre,
Em ledo apresto se empenha,
(Sendo, talvez, o do pobre
Feixito de sêca lenha!...

32. Logo desde a madrugada,
Hoje sempre a mais tardia,
Que a alegre festa é chegada
Tudo em casa me annuncia.

33. Já da cama toda a gente
Sahiu com risonha cara;
Amo trabalha e servente,
Tudo lida e se prepara.

34. Giram todos sem paragem;
Abre-se a porta cem vezes;
Vai recado, vem mensagem,
Por vinte môços cortezes.

35. Chegam, quaes foros antigos,
Mimos «para os seus creados»,
Entre parentes e amigos
Na quadra sempre trocados.

36. Costumeiros vem condeça
Ou cesto da Tia Freira,
Com os da Madre-Abadessa
Do Convento da Ribeira;

37. Que offerta, em phrases modestas
De carta mui bem dictada,
Suas *doces* boas festas
A toda a Familia honrada.

38. Vejo (porque as imagino)
Diversões que eu tanto amava,
Quanno joven, ou menino,
Meu quinhão n'ellas tomava...

39. ¿Que turma de homens é esta,
Que á villa vem caminhando,
Rindo e cantando de festa,
Carro triumphal puxando?...

40. Trazem o cépo, que ardendo,
Durante a Missa-do-Gallo,
Da igreja o adro aquècendo,
Servirá de illuminal o.

41. Em torno ao fogo os meninos
Da parochia arrebanhados,
Dançarám, cantando os hymnos
Pelo Natal costumados;

42. E a espaços a brasa viva,
A' sacra pyra roubada,
Nos dará salva festiva
Por grosso maço estourada.

43. Tambem nos lares caseiros
Menor cêpo esparge brilhos,
Secando os gordos fumeiros,
Alegrando pais e filhos:

44. D'elle em roda se enfileira
A verde guardada pinha,
Que ao fogo aquècendo, cheira,
Transudando a loura tinha

45. A joven turba afanosa,
De martello ou seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sôbre a lareira esquentada.

46. Da concha vam-se extrahindo
Os pinhões emparelhados,
Que desde já vam servindo
Em *par ou pernão* jogados.

47. Repartidos irmãmente,
Pelo bando galhofeiro,
Vam ser moeda corrente,
De jogos taes o *dinheiro.*

48. Nem que fossem contas de ouro,
Travar-se ha viva porfia,
Para augmentar seu thesouro
Cada qual na loteria,

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA EM 1849

49. Entre os *nones* e entre os *pares*
Bilrará leve *Caruna*,
Distribuindo os azares
De caprichosa fortuna.

50. *Rapa*, *Deixa*, *Põe*, ou *Tira*
Geram empenhos mais sérios.
Que se ali se discutira
Sorte de grandes impérios.

51. O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruido,
Que cem pobres n'um palheiro
Depois de haverem comido.

52. Agora os jogos deixemos
Da contente juventude,
Porque outras scenas gozemos
De caridade e virtude.

53. Vamos á mansão piedosa
De gente nobre e abastada,
Ver como á necessitosa
Se preqara a *consoada*

54. Mostra salão espàçoso
Vasilhas muitas e vastas,
Com provimento abundoso
De mimos de varias castas.

55. Em famosa quantidade,
Aquella canastra immensa
Contém de orelhas de abbade
Em branco linho a despensa.

56. Ao pé grande vaso é posto,
D'onde, em calda o mel tornado,
Prestará doçura e gosto
Ao coscorel engelhado.

57. De uvas, maçãs, nozes, figos,
Passas, castanhas piladas,
E de outros que taes artigos,
Ha sacos e canastradas.

58. Damas da casa e donzellas
Liberaes vão repartindo,
Em cada qual das parcellas
Porção de tudo incluindo.

59. Portadores diligentes,
Em seus trajos domingueiros,
Andam levando os presentes,
Mui lestos e prazenteiros;

60. E no alvergue da pobreza,
Da viuva na pousada,
Terá hoje a parca mesa
Saborosa consoada.

61. Vai coscorel por cabeça,
Em prato muito lavado,
Sem que o bastante careça
Do seu môlho açucarado.

62. Assim dos outros regalos
Entra a proporção devida;
A mão que soube mandal-os
Não faz mesquinha medida:

63. Faz, sim, com pia destreza,
Que esmola acceite, risonha,
Mesmo encolhida pobreza
Que de esmolar se envergonha.

64. Por taes artes bemfazeja,
Logra amavel caridade
Que se abençôe da Igreja
Tão alta Festividade;

65. Ao sentir o desvalido,
Por annuncio tão jucundo,
Que para elle é nascido
O DEUS SALVADOR DO MUNDO!

66. Ultimada alegremente
A distribuição piedosa,
Em sociedade contente
O mais do serão se goza:

67. Canta-se, toca-se, ri-se,
Alvos confeitos circulam;
Nos jogos da meninice
Mesmo adultos especulam.

68. Segue-se em divertimento,
Que horas e fome enfeitiça,
Até que chegue o momento
De correr do-Gallo-á-Missa.

69. Repiques de campanàrio,
Em sons de júbilo cheios,
Do nocturno anniversàrio
Vêm suspender os recreios,

70, Eis, no templo illuminado,
Solemnes cânticos sôam;
Aos céus em fumo sagrado
Envôltas as preces vôam,

71. Unem-se humanos accentos
Aos da mùsica celeste;
Porque os gratos sentimentos
Mundo humilde aos céus atteste.

72. «¡A DEUS nos Excelsos Glòria!
¡Aos homens na terra paz!»
¡Salvou-se o Mundo! ¡Victòria!
¡Prostrado o Inferno jaz!

73. ¡Vêde como se reclina
Em presepe tão rasteiro
Aquella Essencia Divina
Filha do DEUS VERDADEIRO!...

74. ¡No mais pobresinho abrigo
Quiz nascer tal Magestade!
Porque fez nascer com-sigo
A virtude da Humildade!

75. ¡Vinde adoral-O, pastores,
O Christo por nós nascido,
Redemptor dos peccadores,
Dos prophetas promettido!

ANTONIO RIBEIRO SARAIVA, TRABALHANDO NA CAMA,
DEPOIS DE UMA GRAVE DOENÇA, EM 1884

CASA ONDE VIVEU E FALLECEU ANTONIO RIBEIRO SARAIVA, EM RAMSGAT

76. Simples dons offerecei-Lhe,
Prehenchendo o santo rito;
Mas, sôbre tudo, trazei-Lhe
Coração puro e contrito.

77. Eis, a Missa concluida
Do SANTISSIMO co'a Benção;
Eis que todos, á sahida,
Agora na cêa pensam;

78. Depois que ás portas do templo.
Comprimentos prazenteiros
Trocáram, com pio exemplo,
Os peões e os cavalheiros.

79. No que ao lume ferve ou torra
Toca a tirar, em familia,
Boa, completa desforra
Pelo jejum da vigilia.

80. Mostarda não se carece,
Appetite o caso o chama;
O sono um tanto se esquece;
Por fim, vai-se tudo á cama.

81. Na manhã, quando é chegada,
Visitam-se os conhecidos;
Vai toda a gente enfeitada
Com os seus melhores vestidos.

82. Do Natal nos comprimentos,
Refrescam-se as amizades,
Esquecem-se agastamentos,
Terminam-se inimizades:

83. Fructo do exemplo sagrado
D'este caridoso dia,
Por onde o mundo culpado
Ao céu se reconcilia

84. Farta mesa appetitosa
Logo circundam contentes
A familia jubilosa
E mais chegados parentes.

85. Quando Deus quer, já figura
No jantar bom serrabulho,
Torresmo, lombo em fartura,
O figado, e mais debulho.

86. Porem o rei do serviço
É gordo perum assado,
Já de ha muito, para isso,
No melhor pasto cevado.

87. Honram-se do tempo os pratos
Em libações abundantes,
Ditos agudos e gratos
Jogam-se entre os circumstantes.

88. No luxo da sobre-mesa
É que o Natal sempre brilha;
D'ella co'a maior franqueza
O bando infantil partilha.

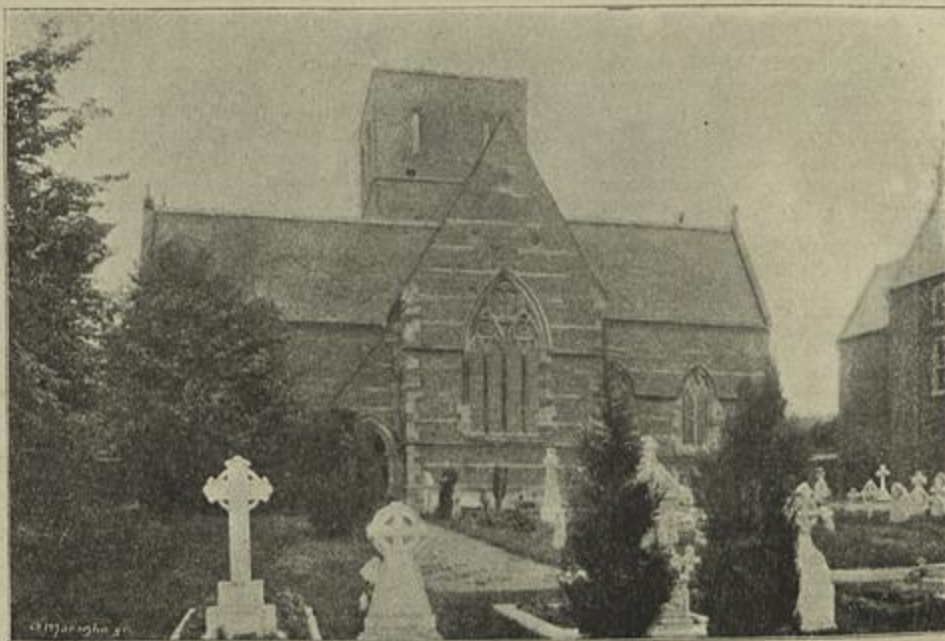
89. Na tarde e serão que seguem
Vem de amigos larga roda,
Que em recreações proseguem,
Quaes sugere o tempo e a moda.

90. O chá, que hontem foi solteiro,
Sómente de agua tingida,
Já traz muito companheiro,
De qualidade escolhida:

91. Além da loura torrada,
Pão-nosso de cada dia,
Que parece *Eva* creada
Para ser-lhe companhia,

92. Ricos, vários, mesmo novos,
Em formas, gostos, e cores,
De amêndoa, de fruta, de ovos,
Vem do convento os primores:

93. Mas não', como de outras vezes,
Com o bulle desparecem;
Alli promptos aos freguezes
Todo o serão se offerecem.

94. Altas horas sam da noite
(Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
A falar de retirada.

EGREJA E CEMITERIO DO MOSTEIRO DOS BENEDICTINOS, EM RAMSGAT
ONDE FOI SEPULTADO ANTONIO RIBEIRO SARAIVA

95. Razão sôbria, não desejo,
Alfim os adeuses pede,
Entre abraços, e algum beijo,
O circulo se despede;

96. Mas não sem que o voto emitta,
De que, em ditas augmentado,
De hoje a um anno se repita
Este serão festejado.

97. Tal era antigo Natal,
Que me faz tanta saudade!...
Hoje é crime em Portugal,
E de lesa *Liberdade;*

98. Repugnam á tal *criança*
Estas velhas costemeiras,
De *Idades Livres* herança,
Não de eras *liberdadeiras.*

99. Moderna *philosophia*
Aos povos, para cural-os,
Receita sempre a *sangria:—*
«*Constitucionalizal-os.*»

100. Liberalismo estouvado,
Que tudo o que é bom desterra,
Consta-me haver desterrado.
O Natal da Minha Terra.

A. R. Saraiva.

Londres, 19 de Dezembro de 1845.

N'UM ALBUM

Antonio Ribeiro Saraiva manejava com egual facilidade, além do portuguez e do latim, o francez e o inglez. Esta affirmativa se comprova com a formosa poesia abaixo, cuja historia elle nos apresenta n'estas interessantes linhas, que mostram toda a requintada delicadeza de um trato aprimorado com as musas e a sociedade:

«É um tanto exquisito, que antes de eu vir para Inglaterra, tendo tratado com tanta gente alta — Reis, Principes, Duques, Marquezes, Embaixadores, Ministros, Bispos, Arcebispos, Generaes, &c. — havia tido pouquissimo trato com a sociedade commum e ordinària dos salões. Assim, confesso, para minha vergonha, que nem sabia da existencia de *Albos,* quaes, neste meio sèculo, se tornáram tão communs. Uma Senhora aqui me apresentou um que tinha, requerendo nelle escrevesse alguma cousa, e me entregou o livro para o effeito. Pareceu-me que, não sabendo ella Portuguez, seria mao gosto escrever ali em nossa lingua. Quando em casa abri o volume, sem saber muito o que nelle havia de escrever, encontrei no alto de uma folha, toda no resto desoccupada, uma borbota primorosamente representada. Aproveitei o assumpto, e abaixo escrevi o seguinte, que não deixou de agradar:

De la pourpre et de l'or le voyez-vous qui brille?
Ce n'est qu'un parvenu, la ci-devant chenille,
Le ver au corps velu, hideux, tout dégoûtant,
De la laideur enfin symbole rebutant.

Qu'il tombe, avant le jour de sa métamorphose,
Sous les yeux d'une belle admirant une rose,
Ou que furtivement sur sa robe glissé,
Il y traîne en rampant son corps long et plissé:
Au loin, avec un cri, la fleur serait jetée,
Ou par l'effroi la robe avec force agitée.
Heureux le pauvre insecte objet de tant d'horreur,
S'il n'est point écrasé sous quelque pied vengeur.

Devenu papillon, on le flatte, on l'admire,
C'est à qui le veut prendre, à qui plus le désire,
Et souvent même encore on le voit, expiré,
Brillant, riche momie, en beau chassis doré.

Cependant la chenille, et laide et rebutante,
Entre d'autres vertus, est modeste et constante;
Le plus petit arbuste est son humble berceau,
Elle y croît, elle y vit, elle y fait son tombeau.

Courant de fleur, papillon volage,
De la folie inconstance est la vivante image,
Et, délicat comme elle, il ira sans façon,
De la ronce au jasmin, de la rose au chardon,

Comme, en vivant de peu, la modeste industrie
Soutient du grand oisif et le faste et la vie,
Le ver qu'à peu de frais son arbuste nourrit,
Des belles et des rois donne le riche habit,

Hé bien! du papillon l'existence futile
Ne s'honore jamais par un travail utile;
L'égoïsme est son dieu, son seul but le plaisir,
Son histoire est voler, propager et mourir.

Tel est d'un beau dehors le trompeur avantage;
Par lui sot ou niais sont préférés au sage:
Mais s'il donne le change à l'œil peu clairvoyant,
La raison le suivra de son regard perçant,
Qui, s'entendant à voir chaque chose à sa place,
A coutume d'aller plus loin que la surface;
Et qui dira, voyant chenille et papillon,
La sagesse vaut mieux que la présomption.

Antonio Ribeiro Saraiva.

AS CORPORAÇÕES D'ARTES E OFFICIOS

A antiguidade não conheceu a liberdade do trabalho nem a honra d'elle; é por isso que as profissões manuaes foram durante tantos seculos condição exclusiva dos escravos e dos prisioneiros de guerra. Para confirmar este facto, não é preciso remontar ás civilisações primordiaes, aos egypcios e aos assyrios, basta que se examine um pouco a historia dos gregos e dos romanos.

N'estes dois povos, dá se todavia um contraste frisante sob tão grande oppressão, é que a sciencia e a arte attingiram um extraordinario desenvolvimento, que o amôr patrio tanto sublimou, dando-lhes assim a mais formosa epoca da antiguidade classica.

A escravidão, vinda do Oriente, passando pela Grecia e demorando-se no Lacio, foi uma nuvem escura que empanou o brilho d'essas civilisações tão notaveis; mas apesar de tudo tornou-se uma necessidade, e constituiu talvez um progresso em relação a estados anteriores.

Depois, a politica dos imperadores romanos e as conquistas do Christianismo multiplicam os cidadãos pela emancipação dos escravos. Os homens de trabalho elevaram-se na hierarchia social á medida que o patriciado tentava soerguer-se nas vascas da ultima agonia.

Quando o imperio cahiu, já se encontrou bastante desenvolvida essa nova classe media, que mais tarde tanto poder havia de adquirir, mau grado a nobreza guerreira e o despotismo feudal.

A invasão dos barbaros demorou o jugo do trabalho, porém a escravidão nem um momento sequer deixou de perder terreno. E a servidão medieval, logo que teve alguma força, produziu o movimento das corporações de officios, em que o trabalho, occupando as mesmas legiões de operarios, se nobilitou um pouco e estes se livraram da oppressão e do desprezo em que viviam.

E' difficil o estudo d'estas primeiras instituições operarias, porquanto a situação economica do maior numero só muito tarde conseguiu atrahir a attenção dos auctores. As investigações sobre a vida do povo, do movimento das officinas e dos modestos ganhos dos operarios, são recentes e pouco adiantam. Fazer luz n'essa penumbra é tarefa quasi impossivel.

*
* *

N'um estudo geral da historia da industria, é indispensavel conhecer quanto a organisação social dos tempos medievaes impulsionou a arte e o trabalho, com o agrupamento dos operarios e artistas em corporações de artes e officios.

A burguezia — essa nova classe tão rica e tão diligente — tem n'ellas a sua origem, e isto basta para seu elogio.

Na confusão e nos continuados conflictos de que foi testemunha a Edade Media, os operarios reuniam-se, segundo os seus officios, sob a invocação da Virgem e dos santos tomados para seus patronos, e isto auxiliou bastante o desenvolvimento do Christianismo.

O espirito de confraria é indicado com uma feição caracteristica dos costumes romanos, mas devemos oppôr que os povos do Norte tiveram tambem as suas confrarias, ghildes e associações, como egualmente possuiram o municipio, essa instituição tão importante entre os romanos.

E' na Germania que as corporações de artes e officios teem o seu inicio. Na antiga Roma, havia, é certo, alguns collegios de operarios, mas poderemos avaliar da sua vitalidade recordando que os romanos achavam o trabalho degradante para homens livres.

Todavia, com os ultimos Cezares, as corporações d'artes e officios adquirem uma maior importancia. Foi Alexandre Severo quem instituiu para todos os officios as respectivas corporações, que, embora distinctas, estavam comtudo sujeitas a uma regulamentação fixa.

No anno 364, Valentiniano I confirmou os privilegios concedidos pelos seus antecessores e fomentou largamente a organisação de associações, cujos membros, ligados indissoluvelmente ao seu officio, se acharam impossibilitados de se libertarem a si e aos seus descendentes, levando-se a um extremo tal este rigor que uns herdavam dos outros.

Na verdade, as primitivas corporações eram de um despotismo feroz.

Ao preceito da longa aprendizagem, juntava-se a companhia forçada na factura de uma obra de qualquer e diverso mister e a difficuldade de obtenção da carta de mestre. E, embora estas peias constituissem graves obstaculos á liberdade individual, permittiram sem duvida um grande progresso nas artes e na industria.

A liberdade não exclue as associações, porque o direito de aggremiação é um dos seus elementos, mas tambem não admitte senão voluntariamente os seus socios, deixando a cada um carreira aberta ás suas proprias faculdades.

Os germanos, os romanos, e ainda os francezes, tinham nas suas corporações preceitos rigorosos que muitas vezes foram levados a um extremo terrivel.

Assim, só era permittido ao operario o casar-se, quando houvesse alcançado a carta de mestre, para o que tinha de sujeitar-se a um exame, em que os examinadores eram aquelles mesmos que lhe temiam a concorrencia. Ao official de certo officio não lhe era licito deixal-o, e d'esse rigor proveio talvez a decadencia.

Quando as cousas se regularam melhor, quando o poder real se concentra n'uma unidade incompativel com o feudalismo, é que na Europa as corporações se instituem com uma organisação mais avançada.

Até então, em muitas cidades e villas, as corporações d'artes e officios tinham constituido a principal força guerreira, e n'aquellas onde havia municipio a sua influencia tornou-se muito grande, sendo tanto maior quanto a industria estava mais florescente.

Não obstante estas corporações gozarem d'um verdadeiro monopolio, e por vezes a politica as distrahia do trabalho; comtudo, como tinham que combater a concorrencia extranha, punham ellas o seu maior cuidado em conservar os productos no antigo apuro e reputação.

E' analysar os seus esforços e ler os respectivos regimentos de cada officio.

Não se applicava então em geral o absurdo systema de prohibir os productos da industria extrangeira para proteger a industria nacional, concorrendo para isto que poucos principes gostariam de desfalcar os rendimentos das suas alfandegas.[1]

Em dezembro de 1581, Henrique III, de França, dá ás corporações d'artes e officios uma lei geral. Estabelece os officios em communidades nas differentes terras do reino, e em editos successivos preceitua a aprendizagem, etc., reservando para a sua pessoa o *direito ao trabalho,* que, como um direito real, só o soberano podia conceder em renda, ou gratuitamente e a seu talante.

Foi com a revolução de 1789, que a França estabeleceu a liberdade de industria, decretando então a Assembléa Nacional a liberdade do trabalho.

Em Portugal, graças á civilisação romana, que impediu o feudalismo, nunca as corporações d'artes e officios tiveram taes extremos. Alguns preceitos tinham comtudo que hoje se não comprehendem mas que á historia e á sociologia resta ainda decidir se eram bons ou maus.

A reversão ás antigas corporações, adaptando o seu systema ao espirito moderno, parece que será a melhor garantia da paz social.

Ás communidades d'artes e officios chamou ha pouco um escriptor francez: *as associações professionaes de hontem, hoje e amanhã*[1] tal é a sua convicção na reversão que apontamos.

*
* *

Na epoca da Renascença, as corporações de artes e officios de cada paiz viram apparecer successivamente os membros de uma grande associação, tão numerosos como habeis, que depois de terem sido empregados pela egreja latina nas suas obras, se espalharam pela Europa, formando uma companhia edificadora.

Pelos principios do seculo x, haviam-se estabelecido na Lombardia um grande numero de confrarias de artistas seculares, as quaes creadas e

[1] Luigi Cibrario — *Economia politica na Edade Media*—L. III—Cap., I.

[1] *Histoire des Corporations de métiers* — por Etienne-Martin Saint-Léon—Paris—1897.

protegidas pelo clero, tomaram o nome geral de *franco-maçonaria* ou de *pedreiros livres*, cujos associados obedeciam a preceitos similhantes aos das corporações de officios, apresentando comtudo um caracter muito especial.

Eram, pois, os membros d'essa grande companhia que surgiam como um reforço artistico, vindo atravez do Norte da Europa, e aggregando a si allemães, francezes, belgas, e até gregos.

Essas series de aggregados constituiam *lojas*, em que cada dezena de associados obedecia a um chefe, em relação com os outros mestres de lojas, todas em activa communicação com a principal direcção, correspondendo-se n'uma linguagem secreta de signaes maçonicos, para que individuos extranhos á grande associação se não aproveitassem dos seus privilegios e beneficios.

Era por meio d'esses signaes que os companheiros se reconheciam. Era com juramentos e provas terriveis que os obreiros se matriculavam na associação, compromettendo-se solemnemente cada novo iniciado a não revelar o segredo dos engenhosos signaes com que se entendiam e a occultar de estranhos todos os processos e regras do officio.

A *franco-maçonaria* se deveu a alta perfeição scientifica adquirida nas artes e nos officios, e com a sua morte obliterou-se até a tradição preciosa dos processos technicos que por tantos seculos os seus asociados guardaram fielmente.

Esteves Pereira.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

V

Mourine curvou-se, muito, muito, cumprimentando e assim ficou por muito tempo, sempre a limpar as barbas.

Yaroslav Iliitch não sabia onde metter-se.

—Honrado homem! arriscou elle para disfarçar a turbação. Como poude haver com elle um mal entendido, Vassili Mikhaïlovitch?... Mas tambem me disseram que havia estado doente, accrescentou com lagrimas nos olhos e olhando para Ordinov com infinita atrapalhação.

—Estive... Quanto lhe devo? perguntou Ordinov a Mourine.

—Veja, barine, paesinho, veja! Nós não somos os que venderam a Christo! Porque tanto offender-se. senhor? Pois não tem vergonha? Em que foi que nós o offendemos, nós, eu e a minha mulher?

—Entretanto isso não se faz, meu amigo: alugou quarto em sua casa. Deve perceber que a sua recusa o offende, interveiu Yaroslav Iliitch, considerando-se obrigado a demonstrar a Mourine toda a indelicadeza da sua forma de proceder.

—Vamos, vamos, sr, barine! Em que foi, mais uma vez lh'o pergunto, em que foi que fizemos offensa á sua honra? Tanto cuidado nos mereceu seu serviço que ambos estamos esfalfados! Vá, sr., vá, barine, Christo lhe perdoe! Seremos nós uns infieis, uns malditos? Mas poderia ter vivido comnosco teria (por motivo de saude, por exemplo) comido comnosco nossa comida de moujik, teria dormido sob o nosso tecto, e nada teriamos n'isso que censurar, nada... Nem palavra diriamos. Mas o demonio foi quem o empurrou, eu cahi doente, a patrôa doente tambem, que haviamos de fazer? Não havia ninguem para servil-o, e, entretanto fôra tanto da nossa vontade!... Mas tambem como vamos orar a Deus por Vossa Graça, a patrôa e eu, como vamos orar!

Mourine curvou-se até á cintura.

Lagrimas de enthusiasmo manaram dos olhos d'Yaroslav Iliitch.

—Que rasgo! exclamou. O' santa hospitalidade da terra russa!

Ordinov mirou-o dos pés á cabeça com ar feroz.

—Palavra, sr.!, disse Mourine pegando na ultima palavra de Yaroslav Iliitch, nada estimamos tanto como a hospitalidade! E tanto, sr., (e aqui Mourine cobriu inteiramente as harbas com a manga) e tanto que até lhe peço que se demore uns dias em nossa casa. Pois ha de ficar, continuou, approximando-se de Ordinov, ha de ficar, que até me convinha; ficaria um dia, dois dias, não diria nada. Mas o peor é que a patrôa está doente!... Ah! se não fosse a patrôa! Se por exemplo eu fosse só! Como eu o havia de tratar! creia-me, como o eu havia de tratar! Havia de prodigalisar-lhe todas as honras, todas! Eu sei d'um meio... Por Deus, ha-de ficar em nossa casa, juro-o por Deus! Isto é que são palavras!... Ficaria se...

—Não haveria com effeito algum meio?... observou Yaroslav Iliitch, e não acabou.

Ordinov andára mal lançando a Yaroslav Iliitch um olhar tão feroz. Era o mais honrado e o mais nobre dos homens. Mas era tão difficil a situação de Ordinov! Para dizer toda a verdade, Yaroslav Iliitch tinha uma douda vontade de desatar a rir. Por certo não soubera conter-se se estivera a sós com Ordinov—amigo como eram! — e teria sido á vontade. Em todo o caso teria, depois de haver rido, apertado com toda a effusão a mão de Ordinov, assegurando-lhe sinceramente que sentia por elle uma estima dupla e que lhe perdoava... emfim que lhe não levava a mal certos desvarios proprios da mocidade. Mas sua extremada delicadeza não lhe permittia, n'aquelle estado de coisas, escolher livremente uma attitude e não sabia onde metter-se.

—Um meio, um remedio... continuou Mourine, cujas feições todas se moveram ao ouvir a desastrada exclamação de Yaroslav Iliitch. Aqui tem, barine, o que eu lhe sei dizer em minha estupidez de moujik, aqui tem, continuou dando mais dois passos para a frente: tem muto talento, sr., tornou-se por demais intelligente. Como se diz em russo, em nossas casas de moujiks, é tão intelligente que deve dar em doido.

—Basta! interrompeu Yaroslav Iliitch com severidade.

—Vou-me embóra, disse Ordinov. Obrigado, Yaroslav Iliitch. Com certeza hei de vir outra vez visital-o, respondeu elle ás amabilidades de Yaroslav que não era capaz de retel-o mais tempo, adeus, adeus.

—Adeus, Vossa Nobreza, adeus, barine, não se esqueça de nós, nós moujiks tambem ficamos á espera da sua visita.

Mas Ordinov já o não escutava. Sahiu como allucinado.

Não podia suster-se. Ia como se o tivessem morto. Levava a consciencia insensibilisada. Suffocava, mas sentiu como que um frio interior que lhe tomava todo o peito. Queria morrer! As pernas tremiam-lhe; sentou-se ao pé d'um vallado, sem dar tento de quem passava, da gente que principiava a accumular-se em volta d'elle, das perguntas dos curiosos que o rodeavam.

De repente por entre as voses distinguiu a de Mourine.

Ordinov ergueu a cabeça. O velho estava em frente d'elle. Seu rosto pallido era solemne e scismador. Não era o homem que tão grosseiramente havia mofado d'elle em casa de Yaroslav Iliitch. Ordinov levantou-se, Mourine pegou-lhe na mão e afastou-se da gente.

—Ainda tens que ir buscar os teus trapos, disse olhando de lado para Ordinov. Não te desconsoles, barine, es novo, porque te has de desconsolar?

Ordinov não respondeu.

—Offendeste te, barine, irritaste-te: porque? Cada qual defende o seu bem.

—Não o conheço, disse Ordinov, nada quero saber dos seus misterios. Porém ella, ellas!...

Lagrimas abundantes correram de seus olhos. Limpou-as com as costas da mão. Gesto, olhar, fremitos convulsos dos labios embranquecidos, tudo n'elle presagiava a loucura.

—Já te disse, respondeu Mourine franzindo o sobr'olho, que ella é quasi doida. Porquê e como?... Que te importa? Como ella é, assim eu a adoro, mais que a minha vida e não hei de cedel-a a ninguem, percebeste agora?

Uma chamma brilhou nos olhos de Ordinov.

—Mas porque... porque estou eu como morto? Porque me faz soffrer tanto meu coração? Porque havia eu de conhecer Catherina?

—Porquê?

Mourine sorriu-se e ficou pensativo.

—Porque? Não sei, disse porfim. Um coração de mulher não tem a profundeza do mar. Por ti o has de apprender! E a verdade, barine, é que ella queria fugir de minha casa comtigo, esta é a verdade, despresava o velho, já cuidava ter-lhe roubado toda a vida que elle tivesse... Agradaste-lhe assim de repente ou foi simples precisão de mudar? Pois olha que não a contradigo em nada; se ella m'o pedisse dava-lhe leite de passarinho.[1] Ella é orgulhosa. Quereria ser livre, mas depois não saberia o que fazer da liberdade. Portanto mais vale que tudo fique como está. Tu, barine, és muito novo, tens o coração a escaldar: ahi estás como menina abandonada limpando tuas lagrimas á manga. É que não tens experiencia, não sabes que um coração fraco é incapaz de conduzir-se a si mesmo. Dae-lhe *tudo*, e elle volta e vol-o torna a trazer. Dae-lhe um reino, e elle virá esconder-se na vossa bota .. É assim, ha de fazer-se pequenino para tal poder. Dae-lhe a liberdade e novas cadeias elle mesmo ha de forjar. A liberdade não se fez para os corações fracos. Digo-lhe tudo isto porque é tão novo. Quem é para mim? Chegado, ido, o sr. ou outro, que me importa? Desde o primeiro dia logo vi como tudo havia de passar se. Mas contradizel-a não devia: nem uma palavra deve arriscar de través quem tem amor á felicidade. Entretanto, barine, estas coisas dizem-se, continuou Mourine dando-lhe para philosophar, mas o que é que a gente faz? Bem o sabe, n'um momento de colera pega-se n'um punhal! Ou então ataca-se o inimigo durante o somno e rasga-se-lhe a garganta com os dentes! Mas se então te mettessem o punhal nãs mãos e que o teu proprio inimigo te descobrisse seu peito, vamos! então recuavas!...

Entraram no pateo; o tartaro avistou de longe Mourine e tirou o barrete, ao mesmo tempo olhando maliciosamente para Ordinov.

—Tua mãe está em minha casa? gritou-lhe Mourine.

—Está.

—Dize-lhe que ajude o barine a tirar as suas coisas. E tu tambem, mexe-te.

Subiram.

A velha que servia em casa de Mourine e que era mãe do dvornik, atou, sempre resmungando, o fato de Ordinov n'uma grande trouxa.

—Espera, quero ainda trazer-te uma coisa...

Mourine entrou no quarto d'elle e, voltando, deu a Ordinov uma rica almofada bordada com seda e lã, a mesma que Catharina lhe havia posto sob a cabeça, quando estivera doente.

—Ella é quem t'a manda. E agora vai em paz e passa bem... Mas cautela,não rondes por aqui ou mal te sahirás...

Disse tudo isto a meia voz, em tom paternal, percebendo-se que não queria offender Ordinov. Entretanto um ultimo olhar só exprimia um resentimento infinito e foi quasi com asca que fechou a porta nas costas do rapaz.

Duas horas depois, Ordinov estabelecia se em casa do allemão Shpis. Tinchen, quando o viu, disse: Ah! Logo lhe perguntou novas da saude e quando soube que «se não sentia bem», prometteu tratar d'elle. Shpis fez com que o inquilino observasse que ainda não havia tornado a pôr o escripto na porta: «mas estava para pol-o n'esse mesmo dia, em que, começando-se a contar desde o aluguer o signal se consummíra até o ultimo kopeck». Shpis aproveitou a occasião para celebrar a exactidão e a honradez allemã.

N'esse mesmo dia Ordinov cahiu doente. Só tres mezes depois se levantou.

Pouco a pouco, voltou-lhe a saude. Principiou a sahir. A vida em casa de Shpis era uniforme, sem incidentes. O allemão tinha bom genio; a linda Tinchen era o melhor que podia sonhar-se. Mas a vida aos olhos de Ordinov perdêra todo o encanto. Tornara se irritavel, doentiamente impressionavel. Cahiu pouco e pouco em muito taciturna hypocondria. Durante semanas inteiras não abriu um livro. Não lhe importava o futuro. Exgotava-se-lhe o dinheiro e elle deixava correr as coisas sem cuidar o dia seguinte. Por vezes a febre do trabalho, seu antigo ardor, todas as miragens do passado se lhe impunham claramente á lembrança; mas a idéa não se transformava em acção. Ordinov sentia-se esterilisado e parecia-lhe que era de proposito que as visões, para mofarem da sua impotencia d'elle, tomavam em sua phantasia proporções gigantes as. Em horas de tristeza a si mesmo comparava ao discipulo leviano do feiticeiro: por meio d'uma palavra que roubou ao amo, ordena á vassoira que traga agua para o quarto e n'esta se afoga, porque não sabe como se diz:—Basta! Ordinov teria talvez concebido alguma idéa original, haveria de ter talvez um bom futuro, pelo menos assim o havia crido, e uma fé sincera é o melhor penhor do futuro. Mas agora ria d'essas convicções e desinteressava-se de todos seus grandes projectos.

Seis mezes antes, vivia em sua criação, ora n'ella trabalhando, ora, nas horas de cançasso, n'ella fazendo alicerces — se era tão novo! — de suas immateriaes esperanças. Era a sua obra uma historia da Egreja, e com que ardente fanatismo fizera seu primeiro esquisso! Agora relia os planos, remodelava-os; fez uma busca, mas logo abandonou a idéa sem coisa alguma fundar sobre suas proprias ruinas. Uma especie de mysticismo, fatalismo misterioso, invadia-lhe a alma. Soffria e implorava a Deus lhe puzesse termo aos soffrimentos.

(Continúa).

[1] Expressão russa.

EFFEITOS TOXICOS DO TABACO

O vicio pelo tabaco, hoje tão accentuado, já data de longos annos.

Quando Christovão Colombo e seus companheiros, em 1492, chegaram a Cuba, tiveram occasião de presencear, no momento do desembarque, grande numero de homens, mulheres e creanças saboreando o fumo produzido pela combustão das folhas de uma planta que até então se desconhecia. Notava-se-lhes nas physionomias um certo ar de contentamento e satisfação, o que parecia demonstrar o apreço que essa gente dava á aspiração d'aquelle fumo.

As folhas d'essa planta, denominada pelos indigenas *Tabacos*, eram convenientemente enroladas por uma fórma que se assemelhava muitissimo ao modo como hoje se fabricam os nossos charutos

Uma das extremidades do rolo assim preparado era introduzida nas narinas do individuo que aspirava o fumo, lançando-lhe fogo no extremo opposto.

Era esta a fórma primitiva de fumar, fórma ainda hoje adoptada entre os povos selvagens.

Facilmente se propagou na Europa o gosto pelo tabaco, visto que cerca do anno de 1518, Cortez enviava sementes d'aquella planta a Carlos V, e João Nicot, embaixador de Francisco II em Portugal, presenteava de egual fórma a rainha Catherina de Medicis.

Do nome d'este embaixador se derivou mais tarde a designação, porque ainda hoje é conhecida, do principio activo do tabaco, a *nicotina.*

Pouco depois começaram a apparecer os fumadores na Hollanda, Belgica e Allemanha, tendo-se em seguida rapidamente espalhado o gosto pelo tabaco em todo o mundo.

Nada ha realmente que mais possa distrahir o espirito do individuo do que o poder apreciar o fumo de um esplendido charuto ou de um delicioso cigarro. O tabaco é o verdadeiro companheiro do homem, que o entretem quando se acha só, aborrecido, sem ter ninguem com quem possa dar dois dedos de conversa.

Mas, se por um lado o tabaco nos dá prazer, é certo que elle tambem póde dar origem a grandes prejuizos na nossa saude. E' assim que, do abuso constante do tabaco, podem resultar phenomenos d'irritação maiores ou menores, locaes ou geraes, consoante a quantidade por cada um consumida.

Se o utilizarmos em doses fracas, comprehende-se facilmente que o estrago que occasiona á saude é muito menor; poderá originar-se uma ligeira excitação momentanea seguida de um estado de fraqueza e lassidão; mas, se se abusar fortemente d'este vicio, então os seus effeitos logo se manifestam por uma pallidez sensivel no rosto, uma respiração que a pouco e pouco se vae difficultando e um enfraquecimento progressivo na intelligencia e memoria do individuo que pratica esse abuso.

Esta acção toxica é quasi que exclusivamente devida á presença, no tabaco, do alkaloide, a que já tivémos occasião de nos referir, a *nicotina*. Tem, com effeito, um poder toxico enorme, constituindo um dos venenos mais violentos.

O uso de boquilhas para evitar o contacto directo do charuto ou do cigarro com a bocca, attenua talvez um pouco este inconveniente, mas não satisfaz plenamente porque, se parte da *nicotina* fica retida junto ás paredes da boquilha, o que é certo é que, arrastada com o fumo que entra na bocca do individuo no momento da aspiração, outra parte penetra n'essa cavidade, embora em muito menor quantidade do que aquella que entraria sem o seu emprego.

Não vem, por conseguinte, modificar, o emprego das boquilhas, todos os inconvenientes que até então existiam no tabaco.

O illustre hygienista Bouchardot, no seu tratado de hygiene menciona esses inconvenientes consoante o seu modo de applicação; assim recommenda este senhor que o melhor meio de o tomar como sendo o menos prejudicial á saude, é o de cheirar o tabaco e aspiral-o pelo nariz, embora tal facto produza mais tarde a ausencia completa de sensibilidade no olfato, não dando, comtudo, logar a todas as outras consequencias que ha pouco citámos.

O tabaco que se fuma produz seccura na lingua, ennegrecimento dos dentes, inflammação nos labios e engrossamento da voz pela accumulação da *nicotina* nos pulmões.

Um meio tambem condemnavel é o emprego de cachimbos, que dá muitas vezes logar ao apparecimento, nos labios, de molestias de aspecto canceroso.

Em conclusão: Se o tabaco nos faz passar momentos deliciosos, não são estes, comtudo, compensados pelos estragos que elle causa ao nosso organismo.

26—5—900.

Antonio A. O. Machado.

IDILIO PASTORIL

IDILIO PASTORIL

Desde Virgilio, talvez desde muito mais antiguidade, o pastorito com a sua flauta e a ovelhinha ao longe, meiga e symbolica, tornaram-se classicos.

O que ás avenas teem cantado debaixo das faias do mundo inteiro! O que ellas teem dito e com que fantasia poderosa os poetas o teem traduzido! Que obras primas se inspiraram na melodia simples e pittoresca d'uma flauta de pastor!

Lindos são os idilios de Bernardim Ribeiro, de Camões, de Rodrigues Lobo, de João Xavier de Mattos!

Ciumes, queixas, saudades, contentamentos, todos os estados d'uma alma, os pegureiros confiaram ás sete notas. E ellas inspiraram os melhores dos hexametros latinos, os mais bellos heroicos e lindas redondilhas portuguezas.

Pintores, esculptores, poetas, a todos o quadro bello e simples tem encantado. Oito furos n'uma cana... Que mais é preciso, quando se é artista?

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Garrett e o pantheon — *por Theophilo Braga — Coimbra, 1900.*

E' um pequenino opusculo, oito paginas apenas, vindo n'elle transcripto um artigo que Theophilo Braga fez publicar no *Conimbricense*, associando o seu nome authorisado á campanha levantada no sentido de ser trasladada para o pantheon dos Jeronymos a ossada do immortal auctor das *Viagens na minha terra* e do *Fr. Luiz de Sousa.* Em poucas palavras, o erudito auctor do artigo, mostra a influencia que Almeida Garrett exerceu na sociedade da sua epocha, poeta primoroso, prosador do mais fino quilate, parlamentar distinctissimo, jornalista, homem politico, e accumuladas em torno de tão elevados merecimentos as invejas, os odios, os despeitos, asssombreando-lhe a aureola do seu alto valor, amargurando-lhe os ultimos dias da sua proveitosa existencia.

«Todos esses despeitos, escreve o sr. Theophilo Braga, contra o poeta que adherira ao partido da soberania nacional, foram-se esbatendo com o tempo, e por isso é ao julgamento d'um seculo que compete o collocal-o na situação suprema e indiscutivel de um representante da humanidade.»

Como tudo que é devido á penna do notavel academico, o artigo lê-se com prazer, e deve por certo concorrer para que seja prestada, embora tardiamente, a Almeida Garrett, a homenagem a que tem incontestavel direito.

Pomos de amor *por Ernesto de Paula Santos, Recife — Atelier Miranda. Editor, — 1899.*

Não se pode dizer, em sã verdade, que sejam impeccaveis os versos do moço poeta brazileiro, porque forçosamente ha de ser novo quem ainda vê:

Um sussurro d'amor por toda a parte...
Aspirações de gloria, sonhos de arte,
Almas errantes, corações dispersos...

mas ha inspiração nas suas composições e espontaneidade na mór parte d'ellas. Porventura um certo descuido na fórma, mas em vez de constituir um defeito, isso demonstra talvez que o poeta não quiz sujeitar a nenhuma convenção os caprichos da sua musa inspiradora.

Tem imagens muito bem achadas, como por exemplo esta:

O beijo é como a taça que se quebra
D'onde o *champagne* do goso se derrama
E espumante se espalha,
N'uma coloração rubra de flamma,
De noss'alma na alvissima toalha.

Na consciencia da sua força, o poeta sabe que é invejado e exclama indignado, dirigindo-se á sua amada:

Eu bem sei que a maldade nos espreita.
E ha muita inveja em torno á nossa vida!

Zombam da nossa seita!
Sabes porque, querida?
Porque é o sestro dos tolos

Motejar dos amantes e dos crentes:
Nossa ventura causa desconsolos,
Riem-se de nós p'ra parecer contentes.

Resumindo, lêem-se com muito agrado as trinta e duas composições que preenchem as cento e vinte e tres paginas dos *Pomos de amor*, e se o sr. Paula Santos persistir em cultivar a arte do verso, ha de acabar por corrigir pequenos defeitos que a sua primeira obra accusa (cremos que é esta a primeira publicada), e chegar a occupar um logar distincto entre os modernos poetas fluminenses. Sobram-lhe para isso talento e disposição.